

ORALIDADE E MEMÓRIA : APRENDER PARA A VIDA DENTRO DE UMA ESCOLA DE SAMBA

Priscila Paciência Ramos
Orientadora Vívian Parreira da Silva

Resumo :

Este trabalho tem como foco a reflexão sobre a importância da oralidade na transmissão dos fundamentos culturais presentes nas manifestações populares brasileiras, em especial ao aprendizado na convivência afetuosa com a comunidade da escola de samba paulistana Mocidade Alegre. À partir da experiência da autora como componente da escola, o presente relato revela os questionamentos que surgiram quando da observação da Velha Guarda e sua constante atuação como transmissores dos saberes para sua comunidade.

Palavras-chave: Mocidade Alegre, ; Experiência; Convivência; Aprendizagem

APRESENTAÇÃO

O ENCANTO PELO INVISÍVEL

O ano era 1995, eu com 11 anos de idade, menina tímida que acompanhava a família a um passeio a basílica de Aparecida do Norte.

Não havia data exata, de tempos em tempos minha família sempre ia a Aparecida como um passeio que nos unia de alguma forma. A saída de casa era sempre bem cedo, nas primeiras horas da madrugada, para que pudéssemos chegar a tempo da missa das 7h como era vontade de minha mãe.

Dia certo não me lembro, sei que era mês de abril, que alguns anos depois soube da importância deste mês relacionada a tudo o que vira naquele dia, naquele passeio em 1995. Chegamos a tempo para a missa das 7h. Após a missa, como de costume, seguimos para a fila - que sempre era extensa – para visitar a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

A cada palavra que escrevo, sentimentos invadem minhas memórias, como que se soubesse que hoje estaria aqui, escrevendo sobre toda a experiência vivida. Geralmente nesta fila, observava as pessoas se reportando a imagem da santa cada uma de um jeito diferente, a maioria das pessoas chorosas, em clamores repletos de intensas orações.

Observava curiosa a todas as pessoas imaginando o motivo que as levava até lá. Imaginava cada situação da vida dessas pessoas, como elas viviam, de onde vieram e o que de fato as faziam ter tanta fé, imaginava mesmo o que esse invisível, que é a fé, era tão forte a ponto de levar tanta gente em um mesmo lugar.

Não questionava religião, quem era Deus, eu apenas ia junto com minha mãe a todos os lugares, pois assim era o certo. A timidez sempre foi um lugar confortável, pois nunca me metia em encrencas ou perguntava coisas que não devia, mas, não quer dizer que não havia um montão de dúvidas em minha mente. Acredito que tenha aguçado meu lado observadora, o mundo de uma pessoa tímida é imenso no imaginário, já que a verbalização não é o forte.

Seguimos nosso passeio rumo a igreja velha, e para chegar lá passamos por uma ponte que liga a basílica até o lugar da igreja. No caminho, mais demonstrações de fé, de todos os tipos, agora em especial as pessoas que geralmente pagam promessa atravessando essa longa ponte de joelhos.

As expressões me encantavam, os olhava como que dando força para continuar, como se acolhesse a história que os levava a fazer toda essa penitência. Antes de visitar a igreja velha, entramos em uma loja para comprar velas que acenderíamos após nossa visita. Havia velas de todos os tamanhos e formatos: velas cumpridas do tamanho de pessoas, inclusive velas com formato de pessoas.

Estranhei quando vi, e minha mãe notando minha dúvida me disse que as velas que tem formato de corpo, partes do corpo humano, são pedidos ou agradecimentos geralmente ligados a saúde. “Filha, faça um pedido e agradeça a Deus por tudo de bom que você tem!” Assim me orientou minha mãe quando fomos a sala de velas próximo a igreja velha.

Sáímos da igreja velha e voltamos rumo a basílica. Já passava da hora do almoço, nos apressamos na volta para comer e ainda dar tempo que comprar nossas lembranças antes de voltarmos para a capital. No final de nosso almoço, me lembro como hoje, eu levantei da mesa da praça de alimentação pré-construída , e vi um grupo de pessoas vestidas com roupas iguais, vinham todos cantando, dançando e tocando numa alegria contagiante.

Foi a primeira vez que vi congada e moçambique. Não fazia ideia do que era tudo aquilo, fui tomada de uma emoção que me paralisou, e fiquei no canto da entrada da praça de alimentação junto a minha mãe, meu pai e meu irmão, olhando toda aquela gente passar cantando músicas para São Benedito.

Os tambores silenciaram, e todos se puseram sentados para comer. A mais forte recordação que tenho desse primeiro contato com os congados e moçambiques é que eu os conhecia, não sabia de onde. Ainda invadida pela emoção, segui o passeio com minha família e fomos rumo as lojas que ficavam bem próximas a basílica.

Recordo que meu pai disse que eu poderia comprar uma bíblia nova, já que estava na época do catecismo, fui contente escolher alguma pra mim. Foi então que o som dos tambores soou forte, e a altura ia aumentando. Senti a vibração dos tambores e já não conseguia escolher a bíblia que levaria de presente. Num ímpeto de curiosidade e vontade de estar perto, pedi a minha mãe para ir sozinha ver o povo dançante, ela sorriu, acenou com a cabeça que sim, e fui correndo vê-los. Espiei por uma das portas da igreja e o que vi me deixou completamente fora do tempo, como se já tivesse vivido aquilo.

O som dos tambores era alto, a cantoria daquele povo era cheia da intensidade que mais cedo eu vira nos devotos da fila da visita a imagem da santa e no caminho da ponte que liga a basílica a igreja velha, expressões de fé, o danado do invisível que leva aquelas pessoas a se expressarem com tanta beleza, só que dessa vez, rostos chorosos como que comemorando vitórias de graças alcançadas, e que dançavam e cantavam. Havia bebês, crianças, adolescentes, adultos e velhos, todos juntos, dançando e cantando. Imaginei porque estavam todos ali, observei que havia famílias inteiras, mãe, pai, filhos , avós. “Que doido tudo isso!”, pensei eu, pois minha família se reunia de vez em quando, nem todos estavam naquele dia, no passeio de abril de 1995.

Somos em quatro filhos, eu a caçula. Os dois mais velhos não estavam. Meus pais já separados se encontravam para raros passeios, um deles para a basílica, e eu

tentando entender como era juntar aquele “tantão” de gente que ali estava, para festejar todos juntos. Essa danada da fé! Juntava esse povo todo!

CORPO QUE FALA

Desde muito cedo gostava de me movimentar, gostava de dançar. Aprendia todas as coreografias que assistia pela televisão. Gostava de participar dos cursos de lambada que haviam no meu bairro. Quando havia apresentação, ficava em casa, pois era acanhada. Percebendo essa minha vocação para dança, meu irmão mais velho, Alessandro, me convidou para dançar em um trabalho artístico, que acabara de montar.

Fã de Michael Jackson, meu irmão ouvia músicas do ídolo o dia inteiro e assistia incansavelmente aos vídeos cassetes de todos os shows. Dessa paixão, ele montou um show cover, e com seu dom para a comunicação, ia a escolas de ensino formal para vender o espetáculo. E foi nessa época, meados de 1998 que comecei a dançar, e ganhar dinheiro com isso, de forma amadora.

Resolvi então estudar dança. Iniciei aulas de balé clássico em uma escola de dança no bairro no Limão, bairro vizinho ao meu, Vila Nova Cachoeirinha. Balé sempre foi, e ainda é tido como a principal modalidade de dança para quem deseja ingressar na carreira de bailarina. Segui nos estudos da dança com o balé. Não durou muito tempo. Não me sentia confortável com as aulas, me julgava desajeitada e esse incomodo não me deixou prosseguir por muito tempo nas aulas.

Gostava mesmo era da dança do Michael Jackson, forte, descontraída, ritmos bem pulsantes, essa sim era uma dança que me sentia livre, e me identificava mais. Não sabia a modalidade, era tão somente a dança do Michael Jackson pra mim. O trabalho com meu irmão durou pouco mais de 1 ano. Entre meus 14 e 15 anos de idade. O balé clássico durou um pouco mais, um ano e meio no máximo, vale ressaltar que entre idas e vindas.

Final de ensino médio, a pressão da escolha pela carreira. Fui pesquisar as carreiras que mais se aproximavam das minhas vontades em ser uma profissional boa no mercado, uma adulta bem sucedida, pois na verdade é isso que esperam de nós, família e sociedade.

Um ano de cursinho, prestei áudio visual na USP, movida por influência de amigos. Nota de corte próxima ao de curso de medicina, bem alta. As disciplinas

conhecidas como “exatas” me fizeram perder a oportunidade de ir para a segunda fase. Quase gabaritei em humanas. Algum sinal do que eu realmente tinha inclinação profissional, achei na época. Dado o fracasso no vestibular resolvi rever tudo o que havia escolhido até então.

Me deparei com um dilema que me foi imensamente importante para minha vida, e como fazer escolhas para o resto de minha vida. Resolvi tentar outros vestibulares, letras ou dança. O dilema na época era escolher pelo curso de letras e ter uma profissão mais segura ou escolher de dança e realmente me lançar no desconhecido, já que arte nem é profissão pra muitas pessoas. Com toda convicção fui prestar vestibular para dança, seguindo um amor que não sabia explicar. Passei! Universidade particular.

A contragosto do meu pai, que não concordou com minha escolha, tive ajuda financeira para custear parte das mensalidades - pois havia ganhado bolsa de estudos - e gastos para poder seguir no curso. A partir daí, no ano do ingresso a faculdade de dança iniciei um processo de aprendizado que se intensifica a cada dia.

A dança é muito importante na minha vida, e aparecerá ao longo desse trabalho, pois através desse amor por essa arte, todas as pontes me ligam até chegar a Mocidade Alegre. Nova fase de profunda investigação de minha corporalidade que ressoa intensa a compreensão desse corpo presente nos espaços que habita.

ME RECONHECER

Ressaltei anteriormente a importância do dilema que me encontrei frente a escolha de um curso universitário, porque a partir de então, as escolhas de como atuar no mundo me mostraram que eu optei por uma intensa caminhada de descoberta de mim mesma. Me reconhecer em uma profissão, desde o momento de minha decisão em enfrentar as negações do que seria o certo a fazer, foi transformador no sentido de saber que o certo e errado são conceitos que se distanciavam da liberdade que eu tinha quando não julgava, apenas sentia.

Com a vida acadêmica bem movimentada, ia a muitos lugares, espetáculos, workshops, palestras, festivais... Logo no primeiro semestre, sedenta por novidades, soube de um Festival de Cultura Paulista Tradicional chamado *Revelando São*

Paulo^[*1] , olhei a programação e fui ao Parque da Água Branca que sediaria o evento por 9 dias. Divisor de águas em minha vida. Ano de 2002 e eu descobri que havia um festival em São Paulo, capital, bem próximo a mim, com uma quantidade gigante de congadas e moçambiques.

Não pude conter a emoção ao ver muitas delas juntas. E em quantidade que não tive a oportunidade de ver quando presenciei pela primeira vez em Aparecida do Norte em 1995. Olhava admirada todas que passavam por mim, dançava junto, prestava muita atenção nos cantos, e esperava ansiosa pela apresentação de cada uma no palco do evento. Um senhor estava ao microfone no palco, conversava com os mestres e mestras das congadas e moçambiques, parecia que conhecia todos eles, um por um, pois os apresentava quase como antigos amigos.

Para minha surpresa, esse senhor que estava no palco com os congadeiros e moçambiqueiros um ano depois entrou na sala de aula da faculdade de dança, se apresentou e disse: “Bom dia! Meu nome é Antônio Macedo, mas podem me chamar de Toninho Macedo, sou docente da disciplina de Danças Brasileiras.” Conheci naquele dia meu primeiro mestre. Desde então, o acompanhava sempre, e com ele aprendi e até hoje aprendo muito, pois ensinamento de mestre não se restringe a salas de aula, são para vida.

Passei a conhecer os moçambiques e congadas através de seus ensinamentos. Ele sempre gostou de uma boa conversa, e adorava me contar sobre causos das congadas e moçambiques durante toda sua trajetória como pesquisador das manifestações populares tradicionais brasileiras. Pouco tempo depois já estava envolvida em muitas atividades propostas por Toninho Macedo, a primeira e de extrema importância em minha vida foi o Abaçai Balé Folclórico de São Paulo. Nos processos de ensaios e aulas do Balé Folclórico, conheci variadas manifestações de cultura popular tradicional brasileira:

¹ [*]O Programa Revelando São Paulo foi criado em 1996 pela Abaçai Cultura e Arte, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo. Sempre voltado para a Cultura Tradicional do Estado de São Paulo (Patrimônio Imaterial) é um articulador e promotor de ações e políticas culturais em todo o Estado, envolvendo pesquisas, relações institucionais, contatos com as mais diversas comunidades, diálogos e parcerias com os dirigentes culturais dos municípios e instituições privadas de natureza cultural e/ou educacional. Por meio de suas pesquisas e parceiros, este programa revela a importância da cultura imaterial, de saberes e fazeres de várias comunidades e pessoas da região, procurando contribuir com a sua manutenção e extroversão, envolvendo as diversas instâncias dos poderes públicos municipais e estadual, para que se garanta as condições necessárias à sua continuidade.

congados, moçambiques, jongos, batuques de umbigada e tantas outras, daí em diante me atentaram sobre o aprendizado na cultura popular.

Envolvida de corpo e alma nesse novo jeito de aprender, muito de minha trajetória até aquele momento foi ganhando sentido. A simplicidade do aprendizado na convivência era algo encantador, envolvente e que me dizia mais sobre educação, do que eu havia aprendido até então no ensino formal, e me puseram em conflito com os ensinamentos que estava vivenciando na faculdade de dança.

As aulas do Toninho Macedo na faculdade duraram apenas um semestre, com uma aula por semana, e tudo o que ele ensinava em sala de aula, era pra mim um complemento da minha convivência com ele, no Balé Folclórico e no Revelando São Paulo que passei a trabalhar desde que o conheci.

A convivência se tornou algo primordial para o aprendizado, desde quando iniciei meus estudos e trabalho como dançarina no Balé Folclórico de São Paulo, até quando eu trabalhava no Revelando São Paulo e convivi com mestres de congadas e moçambiques, e soube deles em conversas nos almoços no refeitório do evento, que todo mês de abril acontece o encontro nacional de congadas e moçambiques em Aparecida do Norte.

Não soube por livros, aprendi na convivência, algo que em 1995 era completamente desconhecido pra mim e que fez meu corpo reconhecer antes de saber o que era de verdade. Segui na confiança do aprendizado das convivências, ficando cada vez mais envolvida em todo o processo de aprendizado com as manifestações culturais populares brasileiras em festas, aulas e encontros de celebração. Paralelo a essa trajetória de descobertas junto ao meu mestre Toninho Macedo, e todo o universo incrível das culturas populares brasileiras, continuava na faculdade de dança em minha formação como bacharel e licenciada.

Aliás a licenciatura é grande responsável por minhas reflexões sobre ensino aprendizagem nas culturas populares tradicionais brasileiras, pois uma nova maneira se apresentava pra mim, a convivência, a oralidade. Em diálogo com Larrosa Bondía, “*..pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.*” (BONDÍA, 2002, p.21)

Por muito tempo, pensava educação como algo fechado, limitado a educação da escola, do ensino formal. Não conseguia enxergar além de uma sala de aula, uma lousa e carteiras enfileiradas. Relatar até aqui, minhas sensações quando criança e minhas

incertezas na adolescência, foi a maneira que encontrei de me apresentar e compartilhar neste trabalho acadêmico que minhas vivências nas educações de convivência foram muito importantes para me reconhecer como ser humano atuante no mundo.

Seguindo no caminho de aprender na convivência, cito Rosangela de Oliveira Pereira, com quem convivi por muito tempo como arte educadora em um equipamento público de educação. Em seu trabalho acadêmico intitulado “ O corpo contador: a voz que narra e o gesto que conta” ela diz:

“Essa pesquisa trata-se, portanto, não só de um projeto acadêmico, epistemológico, mas é também um encontro de um ser com sua história”.(PEREIRA,2018,p.5)

CULTURA DE RUA

A pesquisa junto às manifestações de cultura popular tradicional, me ampliaram horizontes para que eu pudesse entender cada nova informação que se apresentava em minha vida, observando a transmissão de saberes pela experiência adquirida no convívio com cada pessoa que eu conhecia.

Iniciar esse relato descrevendo as sensações que pude notar em cada novo conhecimento aprendido e em cada nova fase da vida, é trazer para minha pesquisa a importância das emoções no aprendizado, perceber que a liberdade de um corpo em suas relações amplia horizontes para absorver muito mais informações que um sentido isolado do corpo pode proporcionar.

“O corpo encontra-se assim, no centro dessa fenomenologia da percepção que descreve o mundo, deixando de ser um edifício de molécula, e passando a ser visto como um sujeito habitando verdadeiramente a natureza: é, como já visto o “corpo próprio” um conjunto de significações incamadas e presentes no mundo , que ele habita e compartilha com outras consciências da intersubjetividade ou intercorporeidade” (NETO, 2004,p.162)

Consciência de um corpo presente, com todos os aprendizados e a falta deles também. Sabendo que a falta muitas vezes era apenas mais um espaço que poderia ser preenchido por conhecimentos que atravessassem esse corpo físico e emocional, esse corpo de relações.

Vivenciar a cultura popular brasileira é estar em um espaço de convivência com o outro sem muitas cobranças de ser desse ou daquele jeito. Ha um comprometimento

com um *porque* maior, que podem ser de variadas naturezas, de religiosas a celebrações de vida (nascimentos, aniversários... etc.) ou de morte.

Há os que choram a morte de amigos, parentes ou conhecidos da comunidade, há os que celebram a morte como a liberdade de uma pessoa que estava sofrendo e que depois de falecer, encontra a paz que outrora não tinha aqui na terra. O encantamento, no meu ponto de vista, é que o certo e errado na relação com o mundo se torna algo maior e muito mais fácil de compreender, quando se conhece cada comunidade, cada jeito de ser, cada maneira de se colocar na vida e a serviço dela.

Ao presenciar os preparativos de festejos de algumas manifestações populares, percebia que o motivo, o *porquê*, o *invisível* era sempre agregador, e sempre em comunidade, juntos, tudo era preparado, sendo sempre respeitada a maneira de ser de cada um, desde que estivessem no mesmo propósito.

As ruas são locais de reunião das manifestações de cultura popular brasileira. Encontros, confluências de *porquês* para se celebrar a vida, caminhos...Em minhas experiências sensoriais com as culturas populares tradicionais brasileira, esses *porquês*, esses *invisíveis* me causam a vontade de investigar mais, para poder sentir mais, e através desse sentir, poder me expressar, seja na dança, seja neste presente trabalho acadêmico.

O CARNAVAL

Conheci a comunidade da Mocidade Alegre, quando aceitei um convite de uma amiga, para integrar uma ala coreografada, no carnaval de 2009, a exatos 10 anos atrás, pois para o carnaval de 2009, inicia-se os ensaios em 2008. Cheguei lá porque dançava, e por já ser uma bailarina atuante profissionalmente. Me convidaram para uma ala que necessitava de pessoas com aptidões em dança para representar uma dança vigorosa e com sincronias de movimentos.

Sabia da Mocidade Alegre porque alguns conhecidos frequentavam, porque se localizava no bairro do Limão, vizinho ao bairro onde moro Vila Nova Cachoeirinha, e porque era a escola que eu torcia quando assistia o carnaval pela televisão.

O samba era música do cotidiano, não com tanta frequência em minha casa, mas muito e em alto volume nas casas dos vizinhos, nas festas de aniversários na casa de parentes e amigos. Minha relação com samba e escola de samba, se dava nas bordas, de alguém que está perto e que absorve das pessoas que estão próximas. Lembro da

primeira reunião da ala coreografada Meninos da Morada, na quadra da Escola de Samba Mocidade Alegre, na avenida Casa Verde, bem no “miolo” do bairro do Limão.

Era dia de semana. A quadra estava vazia, haviam apenas algumas pessoas que tinham funções específicas dentro da escola e que estavam trabalhando por lá, nos preparativos para o carnaval. Fui bem recebida! Muitos sorrisos, todos se cumprimentavam com educação e afeto. A quadra não era tão grande como eu imaginava. Era um espaço pequeno, muito acolhedor! Pensei: “Como cabiam tantas pessoas naquele espaço?”, e minha ideia era que todos os componentes que eu via na televisão ensaiavam lá.

Naquele dia, da reunião, soube como seria minha participação na ala e a grade de ensaios até o dia do carnaval. Havia ensaios específicos da ala, na quadra e no sambódromo do Anhembi, junto a outras alas da escola, coreografadas e cênicas. Os ensaios aos domingos não eram obrigatórios, porém foi solicitado pela coordenadora da ala que quem pudesse ir seria bom para nossa ala ensaiar junto aos outros setores da escola e toda a comunidade.

Como o bairro do Limão estava próximo a minha casa, não vi problema em estar presente aos ensaios de domingo na quadra no começo da noite. Quando cheguei na avenida Casa Verde e vi a movimentação dos sambistas ao lado de fora, uns tomando cerveja, outros na barraca de acarajé outros de bate papo, percebi a elegância daquele povo e o fino trato entre eles. Lembrei da educação que fui recebida quando da primeira reunião da ala.

Assim que entrei na quadra, sorrisos e cumprimentos de boa noite vinham de todos! Clima leve e descontraído! Crianças corriam pra lá e pra cá. Os mais velhos sentados em conversas alegres. Pessoas de diferentes idades conviviam lindamente naquele espaço, parecia uma festa de família, parecia festa de quintal de casa. “Talvez por isso chamem de Morada do Samba!” pensei assim que atravessei a quadra e fiquei nas laterais observando toda aquela gente. Pouco tempo depois iniciou o esquentar da bateria, e o ensaio começou. Fiquei fascinada com o ritual do começo! Elegantes e majestosos casais de mestre sala e porta bandeiras bailavam ao som de hinos que cantavam as belezas do bairro do Limão, e exaltavam o pavilhão (bandeira) em ritmo intenso do samba tocado pelos ritmistas que compunham a bateria da escola. Foi nesse dia que me apaixonei por essa escola de samba!

Fui tomada pelo afeto das pessoas e pelo aconchego de uma escola de samba que mais parecia o quintal da casa da minha tia Nina, também moradora do bairro do Limão.

Tão diferente da escola de ensino formal, onde me sentia aprisionada, onde ser inteligente era algo tão distante, quase impossível de se alcançar.

Os ensinamentos da escola de samba pediam licença para dialogar com minha vida. Dançar na ala se tornou extremamente prazeroso porque eu me sentia muito feliz em estar junto daquela escola de samba. Eram muitos ensaios por conta da coreografia e pela proximidade do carnaval, já estávamos em dezembro. Com enredo que falava sobre o coração Mocidade Alegre foi campeã no ano de 2009!

...São tantos sambistas importais

Inesquecíveis carnavais

Por ti darei a minha vida, escola querida!!

É mais uma emoção

Batendo forte no meu peito

Eu sou Morada e não tem jeito

Faz pulsar o coração

O sonho de ser campeão

(Compositor: China Da Morada, Ferreira, Luis Roberto, Murillo Tk, Pinheiro E Rafa)

Desde a minha chegada na Mocidade Alegre, não consegui sair mais. Me envolvi com mais intensidade que havia me envolvido quando estava desbravando as congadas e moçambiques na época em que entrei no Balé Folclórico. Passei a frequentar grande parte das festividades, e a conhecer mais o dia a dia da escola. Durante muitos anos via outras escolas de samba apenas nos ensaios técnicos no Sambódromo do Anhembi, sem ao menos frequentar outras quadras e conhecer o dia a dia deles, estava feliz em estar na Mocidade Alegre e ali me aconcheguei e me senti pertencente a uma comunidade do samba, sem precisar ir a outros lugares para talvez tentar alguma comparação. Sentido de pertencimento e de um encantamento fora do comum. Estava sempre cercada de pessoas dispostas a estarem comigo, a me explicar algo que ainda não conhecia sobre a escola, para cada detalhe que eu me encantava, alguém sempre me ensinava o que era e o que significava. As vezes pessoas mais velhas de idade, as vezes mais novas, porém com mais anos de escola que eu. Os aprendizados eram constantes, e muito intensos na observação da conduta de cada sambista da comunidade.

OBSERVAR E ABSORVER

Em 2009 o encantamento, a partir de 2010 o encantamento seguido por profundos e constantes aprendizados. Fazer parte da comunidade é completamente diferente de apenas estar na escola de samba visando apenas o carnaval, mesmo que muito do que se faz ao longo do ano seja em detrimento de um único dia, o dia do desfile no sambódromo.

Percebi que não são as 3.500 pessoas que eu via no desfile pela televisão que constantemente estavam na quadra pequena e acolhedora da avenida Casa Verde. O número de pessoas a quem eu reconheci como comunidade da Mocidade Alegre, eu constantemente as via, ao longo do ano, em tarefas diversas, sendo as funções para o carnaval ou não, principalmente quando as funções eram para o bem comum dos que ali se encontravam.

Para colaborar em minha expressão no presente trabalho, dialogarei com alguns autores com quem convivi pessoalmente, já citada Rosângela de Oliveira Pereira, amiga arte educadora, autores que me tocaram de alguma forma me fazendo ressoar minhas experiências vividas através de seus textos, e agora para poder adentrar mais sobre minha relação de observadora cito Toninho Macedo , quando ao discorrer sobre as relações, as convivências e intercorporeidade, diz:

Essa relação do “observador” com o “observado”, do indivíduo com o meio, com os outros, base da “intercorporeidade”, leva-nos a considerar o sujeito como tendo uma participação ativa e constitutiva em tudo aquilo que observa. Neste caso, o “observador” faz emergir a realidade como explicação da experiência, e não como entidade transcendental, deixando patente uma relação de circularidade fundamental entre o eu e o mundo, interioridade e exterioridade, destacando-se a simultaneidade entre corpo e mente. (NETO, 2004, p.165)

Observar a comunidade da escola de samba Mocidade Alegre, não era tão somente admirar a maneira como as engrenagens do dia a dia se mantinham naquele espaço, era mais que observar, era ser tocada, modificada por tudo o que me acontecia em contato com tudo o que via e das relações entre as pessoas, tentar entender a partir de realidades de contextos sociais variados de cada componente da escola, como o samba se perpetua.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar,

pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.
(BONDÍA, 2002, p. 22)

O samba era e é o motivo dessas relações, das convivências, dos aprendizados. Quando estamos em comunidade o ano todo, o carnaval é apenas uma ramificação desse grande motivador, desse *invisível*, o samba, ele é o agregador. Ninguém pega o samba e sim se vive o samba.

COMUNIDADE

“Ser sambista é um privilégio. Pertencer a Mocidade Alegre é motivo de orgulho!” (Juarez da Cruz, 1972)

“O lema “Morada do Samba”, dado à sede da Mocidade Alegre, não foi criado à toa: Juarez sempre se esforçou para que a quadra fosse um centro de convivência de sambistas, tendo sempre atrações convidadas que pertenciam às escolas co-irmãs, tanto daqui de São Paulo como de outras cidades como Santos e Rio de Janeiro. E na valorização da figura do sambista paulistano criou, em 1972,ano da primeira edição das 24 Horas de Samba (tradicional festa de aniversário da Mocidade Alegre), o prêmio Sambista Imortal do Samba, ofertado aos que se destacavam por grandes feitos em nome da manutenção das raízes e pelo crescimento do Carnaval de São Paulo.

Uma das cenas marcantes da história do Carnaval Paulistano é a presença de Juarez a frente da Escola com seu charuto e sua touca de pele de carneiro (presente do grande Mestre Candeia, presidente de honra da Ala de Compositores da Morada do Samba, na década de 70). Esta imagem tornou-se uma verdadeira lenda e até hoje está nas mentes e corações dos sambistas paulistanos. Conferindo assim, com muita honra e orgulho, identidade e tradição da nossa Mocidade Alegre.” (Blogger da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo com informações sobre o Carnaval Paulistano)

A Mocidade Alegre me recebeu de braços abertos e com tanto carinho que foi difícil não querer estar perto daquela gente toda. Parecia ser algo natural de todos da comunidade, o receber bem!

E foi isso que notei ao longo dos meus anos como componente, que sim, todos eram receptivos! Gostavam de festejar, de celebrar de reunir amigos da comunidade, gostavam de receber as co-irmãs de todos os lugares.

Assim como descrito acima, matéria do blogger da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, era uma escola de samba que abria as portas para festejar com outras escolas! A Mocidade Alegre como comunidade, segue o exemplo de seus ancestrais, de seus fundadores. Seo Juarez sambista conhecido em São Paulo,

que sempre movimentava a quadra com atrações vindas de todos os lugares oferecia canja aos seus convidados. Comida e bebida não faltavam.

Década de 60 eram umas das poucas escolas que tinha uma quadra organizada, digamos assim. E era comum naquela época os artistas, os sambistas que vinham do estado do Rio de Janeiro, para fazer show em São Paulo, eles vinham na Mocidade para uma canja. A Mocidade Alegre era um pólo, todo mundo das outras escolas vinham pra ver essas pessoas, entende? Por isso a Morada do Samba, todo mundo vinha pra cá, ficou como A Casa do Samba, na década de 70, 75 era assim. Então naquela época, quase todos os artistas vinham para São Paulo e passavam na Mocidade. “(Seo Pereira, Velha Guarda Mocidade Alegre; Outubro de 2018)”.

“Quando chegavam à quadra da Mocidade Alegre, a escola paulistana eram recebidos com pompa, circunstância e baticum.”(Vargens & Monte, 2004, p12).

Soube de Seo Juarez, conversando com amigos da comunidade. Ele faleceu no ano de 2009, ano em que ingressei na escola. Não tive a oportunidade de conhecê-lo, me recordo de sua foto bem grande, estampada em uma espécie de Outdoor que cobriam as paredes internas da quadra da avenida Casa Verde com fotos de carnavais antigos em que uma das imagens era de Seo Juarez, com sua famosa toca de pele de carneiro.

De conversa em conversa eu ia aprendendo e me acostumando com o jeito de ser daquela comunidade hospitaleira. Não era raro ver em todos os momentos, sendo festejos, reuniões, ensaio de quadra ou ensaios de rua a presença ativa dos mais velhos. O tempo individual era respeitado.

Enquanto os mais velhos estavam atuantes em suas funções dentro da quadra, via-se as crianças correndo pra lá e pra cá, convivendo como se fosse o quintal de uma casa.

Muitas das pessoas que estão hoje aí, alguns jovens, inclusive as pessoas casadas, eu conheci tudo pequenininho né Glória?- É isso! É verdade! Tudo criancinha. Todo mundo cresceu dentro da quadra. Nós éramos, como se fosse uma família, né? Os pais vinham com as crianças. As crianças ficavam na quadra, não precisava ficar grudado. Fechava o portão e ninguém saía as crianças não saiam. O porteiro não deixava sair sem um adulto, né? Então ficava tudo tranquilo, a família aqui. Era muito bom!

(Seo Pereira, Velha Guarda da Mocidade Alegre, Outubro de 2018)

Não era raro ver na quadra famílias inteiras participando ativamente das atividades. Cada um desempenhava sua função conforme suas escolhas, mesmo as crianças, que quando não estavam brincando, ensaiavam os sambas enredos com os coordenadores das alas infantis.

Relatar os encantamentos perante uma comunidade de escola de samba, pessoas aparentemente tão alegres, parece tarefa fácil, quando se observa apenas como espectador. Ao me reconhecer como parte da comunidade da Mocidade Alegre, como uma componente apaixonada pelo que vive, me coloco aqui, neste trabalho, como uma observadora atenta ao longo desses 10 anos sobre processos educativos que tem no afeto um valor gigante de transformação na construção do cidadão.

Me falta muita bagagem para poder escrever sobre o samba em todo esse processo da construção do cidadão brasileiro. Muito sobre resistência, preconceitos e lutas fazem parte da história dessa manifestação cultural tão característica do Brasil e que está presente em tudo o que tenho relatado sobre a Mocidade Alegre, e que está presente em cada componente que tenho convivido ao longo desses anos. O que me motivou a escrever este presente trabalho, foi refletir como um local que se denomina “Escola de Samba”, transmite saberes tão ancestrais sobre esta manifestação enraizada em nossos registros históricos e de construção cultural, o samba.

Como se perpetua de forma tão singela e potente fundamentos que não se perderam com o tempo, e como se mantém as peculiaridades de uma comunidade hospitaleira do bairro do Limão há exatos 51 anos? Fortalecida em todos os ensinamentos que absorvi ao longo de minha vida, principalmente após conviver com mestres da cultura popular tradicional brasileira, os mais velhos de todas as comunidades são os professores nessas *escolas de convivências*, e para me ajudar a entender sobre tudo o que observei nos aprendizados nessa escola do(de) samba Mocidade Alegre, a Velha Guarda buscou meu olhar, me pegou pela mão e acolheu muito de perto alguns dos meus questionamentos sobre como aprender a ser um sambista .

VELHA GUARDA

Na verdade, a Velha Guarda, o exemplo tem que passar. Ela tem que mostrar sua atitude, no respeito pela escola, e com as pessoas...os novos! As vezes vem uma pessoa conhecer a escola, com acompanhante, e ela tem que ser bem recebida. Então, a Velha Guarda, tem e deve, dar as boas vindas: “Seja bem vindo!”, “Fique a vontade!” E se mostrar sempre que puder, sempre estar presente. Então, é esse exemplo que a Velha Guarda tem que dar. A Velha Guarda tem que estar numa postura também! Sabe?! Apesar de ser Velha Guarda, entre aspas, os mais antigos da escola, a Velha Guarda é um grupo de pessoas, que está na escola a alguns anos, não muitos anos, alguns anos...e contribui com a escola no sentido de...não financeiro, mas de estar presente! Em todas as oportunidades possíveis, sabe?! Então, este exemplo que a gente dá, ou que procura passar, é mostrar pro pessoal que a Velha

Guarda, por ser mais velho, não é melhor que ninguém, todos são iguais, são tratados da mesma forma. Então a gente procura tratar bem neste sentido. (Seo Pereira, Velha Guarda da Mocidade Alegre Outubro de 2018)

Sabedoria! Foi tudo que pude notar na conversa que tive com dois integrantes da Velha Guarda em outubro de 2018 na quadra da Mocidade Alegre, na Rua Samaritá. Convidei Glória Pires^{□□} e Seo Pereira^{□□□} para uma conversa sobre tudo o que me inspirou a escrever este trabalho.

Disse-lhes sobre meu contínuo aprendizado com eles ao longo dos meus anos na Mocidade Alegre, e como eles me inspiraram a falar sobre oralidade e transmissão de conhecimentos do samba para as novas gerações. Muito do que eu observei dos ensinamentos que eram transmitidos de geração em geração foi confirmado na conversa, quando os questionei o que é mais importante quando refletimos os processos de ensino dentro da comunidade, eles são pontuais em dizer que o exemplo dos mais velhos é fundamental.

Estar presente e ser atuante na comunidade é a marca da Velha Guarda da Mocidade Alegre, e eles não medem esforços para ajudar no que for preciso. Não é raro de ver nos ensaios de quadra alguém da Velha Guarda ensinando algum componente mais novo a reverenciar o pavilhão, a ceder espaço para as baianas dançarem a cantar corretamente a letra do samba enredo ou até mesmo quando um ou outro sorratamente fica ao lado de alguém que está fora do pulso do samba e dança junto para ensinar-lhe a malemolência e elegância dos passos. Nos preparativos para as festas, lá estão eles, ajudando na limpeza, na decoração, e se alguém tiver dúvida de alguma coisa, eles têm toda a paciência para explicar.

Por vezes, fui pega literalmente pelo braço, quando ainda não sabia o hino do pavilhão, e com um sorriso no rosto articulavam palavra por palavra para que eu pudesse aprender. E no ensaio seguinte ao do aprendizado, era vigiada de longe para saber se havia aprendido.

O cuidado com as crianças é algo admirável! Aprendiam no convívio diário com os mais velhos. Algumas meninas adoravam acompanhar as assistas nos ensaios de quadra, e quando elas (passistas) notavam que estavam com as crianças ao lado,

□ * Glória Tereza Pires Corrêa dos Santos (Glória Pires)– 56 anos de idade ; 46 anos como componente da Mocidade Alegre – atualmente coordenadora da Velha Guarda da Mocidade Alegre

□ ** Antonio Pereira (Seo Pereira) – 77 anos de idade; 42 anos como componente da Mocidade Alegre – atualmente compõe a Velha Guarda da Mocidade Alegre sendo o mais velho de idade da Velha Guarda da escola.

carinhosamente se portavam a elas ensinando-as as graciosidades de suas danças. Não era raro ver meninos e meninas imitando os casais de mestre sala e porta bandeira, com a elegância de seus movimentos e principalmente como reverenciar o pavilhão, ostentando para a comunidade o seu manto sagrado. Tudo era aprendido como uma brincadeira, nada era imposto de forma rigorosa para as crianças.

Faço um paralelo com uma lembrança que tive neste exato momento, quando estava em uma festa religiosa, candomblé Ketu, no terreiro da falecida Mãe Sylvia de Oxalá, quando nesta cerimônia duas crianças foram suspensas. Literalmente suspensas, no alto, sentadas em cadeiras como se fossem rei e rainha, em destaque para que toda a comunidade pudesse as ver em sua evolução dentro da espiritualidade.

Assim é na cultura popular tradicional, assim é com as crianças na comunidade da Morada do Samba. A ala infantil é umas das mais respeitadas e cercada de cuidados, por todos da comunidade. Glória cuida de cada um deles com tanto zelo, que mais parecem seus filhos. Filhos que, aliás, cresceram dentro da comunidade. Ela fala disso com muito orgulho, quando relata que desfilou grávida, e que todos fazem parte da Mocidade Alegre. Seo Pereira se orgulha em falar que viu muita gente nascer, crescer e até casar. Não pra menos, quarenta e dois anos de escola, sendo que a escola tem cinquenta e um, educou muita gente para e no samba.

Entrei como sócio mesmo, de carteirinha em 77. Depois de um ano ou dois, fui convidado pelo Seo Juarez que era o presidente na época, o tio da Solange, irmão do Seo Carlos pai da Solange, para fazer a parte da diretoria, na tesouraria. Isso foi em 78, 79, aí eu fiquei. Trabalhando nessa parte até uns 20 anos depois. E foi feita, neste espaço de tempo... Surgiu várias alas, inclusive a Velha Guarda, foi nesta época. Mas eu não saía na Velha Guarda, eu saía em todas as alas, harmonia, diretoria, merendeiros. Então, a gente sempre participou de uma forma ativa né? Na época eu era da diretoria, na quadra antiga, eu era praticamente um dos primeiros a chegar. Porque eu abria os bares por conta das bebidas, e fechava o bar conforme o movimento. Então essa vidinha foi por muitos anos.

“(Seo Pereira, Velha Guarda da Mocidade Alegre, Outubro de 2018)

Seo Pereira conheceu Solange muito nova. Solange é a atual presidente da Mocidade Alegre. Cresceu sob os cuidados de seus familiares fundadores da escola e dos mais velhos de sua comunidade do samba. Com uma mulher na presidência de uma escola de samba, território dominado por homens por muitos anos, deu a ela a fama de Leoa do Samba. Teve de levar a escola com “mãos de ferro” como diz Glória, mas sempre dialoga com sua comunidade. Mesmo com tantas atividades nos preparativos do carnaval, sempre que preciso ela me chama para conversar. O diálogo sempre esteve

presente no convívio com a comunidade da Morada do Samba, e sinto que esse é o grande trunfo, a grande fortaleza dessa gente e que me inspirou a escrever este trabalho sobre a oralidade como mantenedora forte na continuação do samba, com todo seu legado de exclusão social, mas que nesta comunidade é transmitido com muito afeto.

Aprende-se pelo afeto. Aprende-se com respeito aos mais velhos. Sobre educação formal, não a vejo como isenta de afeto, mas isenta de diálogos, de respeito ao tempo individual de cada aprendiz, e sob este olhar de processos pedagógicos, as convivências nas comunidades de samba representam a educação em tempo integral.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDIA, pg.24, 2002)

Através de uma fala de Seo Pereira, silencieei minha mente questionadora quando ele orgulhoso relatou que “a Velha Guarda da Mocidade Alegre é atuante e presente na comunidade porque eles são ouvidos”, profundamente tocada por esta fala, pude compreender pela voz da experiência de Seo Pereira que saber que é ouvido é tão importante quanto saber que pode falar. A seguir mais um trecho de nossa conversa

Priscila - Algo que queiram acrescentar sobre os ensinamentos sambísticos na Mocidade?

Glória - Foi o que o Seo Pereira falou, você aprende muito... Eu sou um exemplo, vai! Do visual. De tomar exemplo. Ele é um exemplo pra mim. Ele ama tanto. Que como eu falei pra você. Eles está sentado lá, perto do palco, e ele vê uma coisa errada, ai ele fala assim pra mim : “Chama o Nikimba aqui “.Aí ele coça a cabeça. Aí ele vai apontar o que é. Assim, isso é um exemplo pra mim. Que as vezes, eu acho que o amor te cega. Não é? Então você olha e fala: “Tá tudo maravilhoso!” E não é assim. Você tem que ter o olhar da razão! Então nisso pra mim ele é um exemplo. Eu aprendi a fidelidade, com o exemplo dele. A responsabilidade, no exemplo. Se for fazer uma coisa, você tem que ter o pé no chão e ser convicto daquilo que você vai realizar. Você conhece a Vitória, a Vick, que agora é diretora do ganzá. Eu fiquei muito feliz com um post que ela colocou na época das 24h, no aniversário da escola. Ou seja, o que ela vê em mim, é o que vejo nele. Com isso você não precisa mais por no papel, você não vai ler, as atitudes te contam mais. Através do exemplo, você aprende melhor.

REFERÊNCIAS

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, jan./fev./mar./abr. 2002.

NETO, Antonio Teixeira de Macedo. Corpo e Corporalidade. In Caminho e Trilhas de um Programa de Ação Cultural de Natureza Incluyente (um estudo de caso). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, USP, 2004.

PEREIRA, Rosângela Oliveira. O corpo contador: a voz que narra e o gesto que conta. 2018. 19f. *Trabalho de Conclusão de Curso – A Casa Tombada*, São Paulo, 2018.

VARGENS, João Batista M.; MONTE, Carlos. A Velha Guarda da Portela: 2.ed. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

MOCIDADE ALEGRE. Juarez da Cruz: O Adeus ao Grande Cardeal do Samba. 2009. Disponível em: <http://carnaval-sp.blogspot.com/2009/08/juarez-da-cruz-o-adeus-ao-grande.html>>. Acesso em : 12 nov. 2018.